

## As águas profundas de João Anzanello Carrascoza.

Márcia Cristina Fráguas<sup>1</sup>

João Anzanello Carrascoza, paulista de Cravinhos, é conhecido por sua extensa produção de contos. Seu primeiro livro como contista foi *Hotel Solidão* (1994) e a este se seguiram *O Vaso Azul* (1998), *Duas Tardes* (2002), *O Volume do Silêncio* (prêmio Jabuti em 2006), *Aquela Água Toda* (2012).

*Aos 7 e aos 40*, lançado pela editora Cosac Naify em agosto de 2013, é o primeiro romance do autor, um convite ao mergulho nas águas profundas do silêncio e da memória.

A estória começa a ser contada a partir do próprio projeto gráfico do livro. Composto por páginas em verde água, esta cor induz o leitor a um certo relaxamento e o predispõe a imersão em um universo poético de descrição de experiências, memórias e sentimentos vivido pelo protagonista. Os capítulos são curtos e alternam as vozes de dois narradores – um em primeira pessoa, com o texto situado na metade superior da página quando aos 7 anos de idade, e outro em terceira pessoa, texto na metade inferior da página, aos 40. Estas duas vozes narrativas fazem referência aos dois momentos distintos na vida do protagonista que dão nome ao romance. Os títulos de cada capítulo também se alternam em pares de opostos complementares, graficamente sobrepostos: *Devagar/Depressa*, *Dia/Noite*, *Para Sempre/Nunca Mais*.

Há neste detalhe formal, algo que parece corroborar uma espécie de tese que perpassa o romance, a de que “abaixo das palavras ditas, há sempre outras, silenciadas, que as desmentem”. É deste modo que lemos o protagonista aos 7 anos, narrando em primeira pessoa sua relação direta com as experiências, indo “depressa ao encontro da vida”, ao passo que esta corria devagar em seus detalhes cotidianos, superdimensionados pela percepção do menino. Assim, suas experiências vão sendo desveladas para o leitor: no cheiro da refeição preparada pela mãe, na intensidade do futebol jogado com o irmão, na relação com o amigo Bolão, na descoberta do primeiro amor com a prima Teresa, na relação com o vizinho Seu Hermes. O mundo se apresenta surpreendente diante de seus olhos. Fundamental para a história é o espanto sentido quando a mãe lhe diz que, assim como os livros, as pessoas e o mundo também são passíveis de leitura. Esta alfabetização na linguagem

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Cinema pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (lato sensu). Roteirizou o curta-metragem *Technicolor* como trabalho de conclusão. Atualmente participa do grupo de estudo e pesquisa da professora Leila Hernandez em História da África, no Departamento de História da FFLCH-USP.

silenciosa do mundo é a lição mais preciosa que o menino legará ao homem: a capacidade de compreender a força de expressão daquilo que fica por dizer.

Carrascoza constrói habilmente esta primeira lição no capítulo Nunca Mais, no qual o personagem lê com seus olhos de menino, a humilhação sofrida pelo pai no trabalho, compreendendo a situação somente pelo tom e altura das vozes e pela linguagem corporal dos homens envolvidos na cena. Ali ele dá o primeiro passo consistente em direção ao homem que será, ao testemunhar em respeito compassivo, o choro contido do pai.

O fio que alinhava as duas narrativas é justamente a presença silenciosa do menino no homem, que continua a ler “a escrita em progresso” da certeza de que uma dor sempre estará a caminho. O homem que se torna tem sua vida, seu trabalho, a relação com a esposa e o filho, o fim do casamento, todos narrados em terceira pessoa. O uso deste narrador seria uma materialização do desejo do protagonista adulto, de “querer ser um outro para se ver de fora” ou apenas um artifício literário para demonstrar a maturidade do homem que consegue se distanciar e produzir um juízo sobre as coisas, em oposição a experiência infantil direta? Fato é que a narração em terceira pessoa acerta ao colocar em perspectiva as experiências do protagonista e aquilo que fica no não-dito, sua intensa vida interior, produzindo um efeito de dois planos sobrepostos na narração.

No capítulo Para Sempre, que se justapõe ao Nunca Mais, a intensidade da cena na qual o casamento do protagonista chega ao fim é dada muito mais pela fúria da tempestade que cai e pelos sons da rodoviária ao redor do casal do que pelo que é dito. Entre monossílabos, eles sufocam rumo ao inexorável fim da relação, enquanto esperam o ônibus. Ao redor deles, o mundo berra sons estridentes, o que torna a cena ainda mais asfixiante, como se os personagens fossem constrangidos a um silêncio doloroso.

Há na narrativa aos 40 um tom menor de sonata melancólica, em oposição a infância, mais viva e ensolarada. O próprio verde da paginação é um pouco mais desbotado para o cinza, em oposição a clareza do verde-água da infância. Carrascoza apresenta um domínio preciso da linguagem, ao expressar emoções, descrever estados de espírito e ao colocar o silêncio como espaço preñado de sentido. Seu olhar é micro, nos detalhes da experiência vivida, e sua voz habita os vãos das próprias palavras.

Neste sentido, o capítulo Recomeço, se configura como ondas concêntricas abertas num lago depois de atirarem-lhe uma pedra. O narrador adulto volta a cidade da infância, em uma jornada de busca de si mesmo. Não por acaso, ele vai acompanhado do filho, que em certa medida, representa um encontro feliz com algo de si que parecia perdido. Obviamente que a busca se vê frustrada, afinal,

como não seria desbotada a realidade diante do colorido vivo das lembranças de sua meninice? O que parece ocorrer é uma acomodação do sentimento de perda e a constatação de que mais do que a impossibilidade do retorno, fica a possibilidade de recomeçar sempre. A doída alegria de reencontrar o amigo Bolão é, ainda assim, uma alegria. O final do livro sugere que é possível encontrar alguma paz ao se beber das águas profundas da memória e voltar a superfície, em uma atualização cotidiana do reencontro consigo mesmo.